

# **“Viana do Castelo. Uma cidade, um rio e o mar, interpretação das dinâmicas urbanísticas.”**

*Paula Cristina Machado Cardona*

(Doutora em História da Arte. Investigadora em exclusividade do Grupo de Investigação Arte e Património do Norte de Portugal – CEPESE)



Factores de natureza geográfica, económica, social e cultural são pilares de sustentação do desenvolvimento de qualquer núcleo urbano. No caso particular de Viana do Castelo, a determinante geográfica é o Atlântico e o rio Lima, que se assumem como motores vitais do protagonismo económico que este território urbano assumirá e como elementos principais de unidade entre pólos urbanos de proximidade e de ligação intra peninsular e europeia que se expandirá com a conquista de novos territórios continentais.

A esta condicionante geográfica, associam-se outras, essenciais para a leitura e interpretação deste espaço físico: 1 - necessidades intrínsecas da comunidade local – necessidades básicas, acessibilidades internas e externas, serviços; 2 - crenças e valores espirituais que se materializam nos templos, nas infra-estruturas culturais, e nos espaços recreativos.

#### **As condicionantes do meio físico: O rio Lima e o Atlântico**

O cais, a barra e a fortaleza, são marcas da paisagem Vianense, os seus complexos processos construtivos e os impactes no fâcies urbano da então Viana do Foz do Lima são testemunhadas por uma significativa base documental assente nas Actas de Vereação municipal, notas tabeliônicas e documentação coeva com destaque para a *Fénix Vianeza*,<sup>176</sup> a *Corografia Portuguesa*<sup>177</sup> e as Memórias Paroquiais, para falar apenas das mais expressivas, que nos abrem as portas para uma corroboração segura sobre o papel do Rio Lima e do Atlântico como pólos em tornos dos quais se definirão as diferentes centralidades urbanas de Viana do Castelo, desde a sua génese até à actualidade.

Sobre o impacte destas infra-estruturas na paisagem urbana o autor da *Fénix Vianeza* regista: “obra tão magestoza (...) que no senhorio de Portugal se não acha semelhante, porque alem de ser muito alto, muito largo, he muito forte, feito todo de pedra d’esquadria (...) que principia do magnifico Convento de São Bento, lavado todo o Lima até se entranhar pelas ondas do Oceano, servindo-lhe de remate hum grande forte, o qual pode jugar oito peças d’Artilharia por ser sua plante espherica”<sup>178</sup>.

---

<sup>176</sup> NORTON, Manuel Artur – *Fénix Vianeza ou Vianna Renascida em o Átrio*” in *Arquivo do Alto-Minho*, 3ª série. Viana do Castelo: 1981, XXVI, Vol. VI, pp. 152-153

<sup>177</sup> COSTA, P.º António Carvalho da – *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reino de Portugal...* 1ª edição. Lisboa, 1706, p. 189

<sup>178</sup> NORTON, Manuel Artur, “*Fénix Vianeza ou Vianna Renascida em o Átrio*” in *Arquivo do Alto-Minho*, 3ª série. Viana do Castelo: 1981, XXVI, Vol. VI, pp. 152-153

### **A Póvoa Marítima**

A pequena, sumária mas próspera póvoa marítima que junto à foz do rio Lima florescia, antes da outorga do foral Afonsino em 1258, constituiu a primeira centralidade urbana de Viana do Castelo. São Salvador do Adro, assim denominada, era constituída por homens do mar a par de mercadores e almocreves que protagonizavam uma intensa actividade mercantil, tendo por base uma rede de comunicação terrestre e fluvial. As estradas e o rio permitiam acessos rápidos às feiras, como as de Ponte de Lima, Lindoso, Barcelos e Braga, onde se mercavam os produtos agrícolas e têxteis provenientes do interior e expedidos por este pequeno entreposto marítimo. Produtos que eram também escoados para a Galiza, território fronteiriço de contacto permanente e regular que se animava e se estimulava pela rede de almocreves, cuja capilaridade ia até Trás-os-Montes e a Castela.

Esta póvoa marítima, dotada de um porto de mar, construirá no séc. XIII uma pequena igreja, actual Capela das Almas, também conhecida como Matriz Velha, com funções de igreja paroquial até à construção da nova paróquia de Santa Maria Maior no séc. XV. Edifício que de certa forma marca o apogeu que esta comunidade de homens de mar atingirá com a outorga do foral de 1258.

Este foral de D. Afonso III para além de evidenciar a estratégia do monarca para fixar povoamento assume outros contornos de grande importância para esta comunidade, designadamente a autonomia administrativa e o progresso económico, uma vez que a política centralizadora da coroa alivia a pressão do clero e da nobreza sobre esta comunidade que passa a auferir de um conjunto de privilégios e regalias que conduzem por um lado, ao desenvolvimento das estruturas municipais, assentes no Concelho e na Câmara e por outro, a sólidas dotações financeiras provindas de rendas concedidas pelo monarca e receitas próprias, geridas pelo do Município.

Estas dotações financeiras permitiram viabilizar nos séculos XIV e XVII, um conjunto de obras públicas que estão na origem do redimensionamento do burgo e do seu crescimento urbano.

### **A Centralidade urbana nos séculos XIV - XVII**

A segunda centralidade urbana de Viana do Foz do Lima está relacionada com esta conjuntura política e económica e as dinâmicas urbanas assentarão em três vectores:

### 1 - Nova centralidade do burgo

- Fortificação da vila (concluída em 1347) que surge como necessidade de dirimir a vulnerabilidade atlântica do burgo
- Obras portuárias de acostagem
- Definição dos principais eixos viários

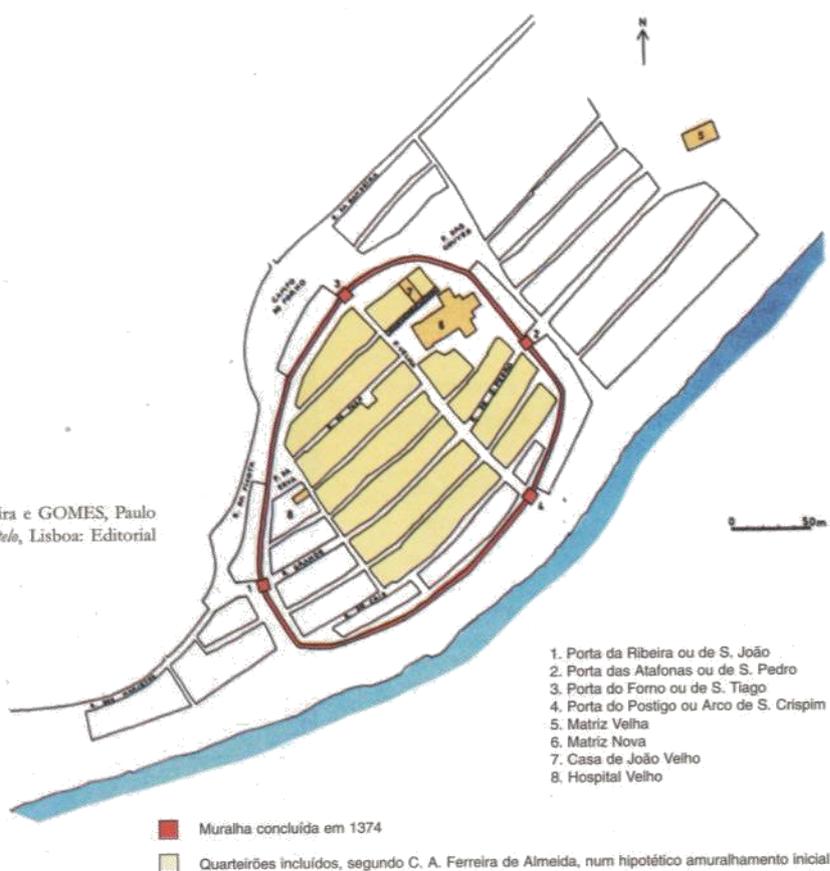
### 2 - Redimensionamento urbano:

- Abertura de ruas e praças
- Construção de chafarizes e fontes
- Edificação de edifícios administrativos, Câmara cadeia e equipamentos destinados à cobrança de impostos
- Fixação da elite social no coração do burgo

### 3 - Aumento da população:

- Aumento de áreas destinadas às actividades comerciais, proliferação de açougues
- Construção do hospital do Velho (1439)

(in CALDAS, João Vieira e GOMES, Paulo Varela – *Viana do Castelo*, Lisboa: Editorial Presença, 1990, p.18)



Com a estrutura urbana definida no séc. XVI, dentro e também fora das muralhas, são rasgadas novas ruas, abertas novas praças e são criados novos locais para feiras e mercados, intensifica-se o abastecimento de água à população com a sua captação e condução para os chafarizes e fontes públicas cuja construção prolifera. Nos alvares do séc. XVI, a Câmara constrói um novo edifício para as suas funções a que se soma a reconstrução em finais do século XVII da cadeia e da alfândega e de outros edifícios relacionados com a cobrança de impostos.



1554 - Chafariz do Campo do Forno. Obra atribuída a João Lopes (pai) e terminada por João Lopes o Moço.



1506 – Construção dos Paços do Concelho. Armas reais – esfera armilar e cruz de Cristo. Armas de Viana - caravela



1698 - Porta Mexia Galvão. Marca a fase de expansão dos Paços do Concelho

O centro do recinto fortificado é completado por um conjunto de obras de carácter e inspiração religiosa, com funções culturais e assistenciais. A referência mais marcante, paredes meias com o edifício municipal é a igreja colegiada de Santa Maria Maior, que em 1439 estaria em construção. Pólo vital da vida religiosa desta população, a colegiada com sete beneficiados, congregará do ponto de vista funcional e organizativo, instituições relevantes como a Mitra Primacial, responsável pela gestão da capela-mor; a Câmara Municipal com responsabilidades construtivas no corpo da igreja e torres sineiras da fachada principal e as confrarias, activas, dinâmicas e com um peso social muito forte por inerência das suas características, actuando ao nível da satisfação das necessidades espirituais e assistenciais dos seus confrades.

Merecedora de igual referência é a igreja da Misericórdia e o seu hospital, datado de 1582 que virá substituir o antigo hospital, ou Hospital Velho, da Praça da Erva de inícios do Séc. XV e que acumulava como função de albergue a mercadores, peregrinos e viajantes.

Uma elite social constituída na sua essência por mercadores banqueiros naturais e estrangeiros de origem diversificada com especial destaque para ingleses, franceses, holandeses e alemães fixam-se, no séc. XVII no burgo conferindo-lhe uma textura cosmopolita. O vigor económico de Viana deste período confirma-se também pela atractividade que exerce sobre estas comunidades estrangeiras.

Marca da presença de uma elite social, empreendedora e empenhada, está plasmada na arquitectura civil de que é exemplo a Casa dos Arcos, construída nas imediações da igreja colegiada de Santa Maria Maior, em 1497, junto à denominada Porta do Postigo, cujo proprietário, João Velho, homem notável da Vila terá feito fortuna e granjeado prestígio social nas campanhas da Guiné. Referem algumas fontes, que nesta casa terá pernoitado D. Manuel I aquando a sua peregrinação a Santiago de Compostela.

Muito próximo da Casa dos Arcos, é também digna de nota a Casa dos Lunas, do séc. XVI, mandada construir por Jácome de Luna que foi provedor da Misericórdia em 1547 e era descendente de um abastado comerciante Galego.



## Sec. XVI – Casa dos Lunas

Dos espécimes de arquitectura civil seiscentista, que ainda hoje subsistem, bem preservados e com dotações funcionais diversificadas no espaço em análise, gostaríamos de destacar o Palácio Carreira/Távora atribuído a Manuel Pinto Vila Lobos e a Casa dos Alpuim, cuja construção é de 1533. Nestes edifícios funciona actualmente a Câmara Municipal de Viana do Castelo.



Esta elite social civil, mas também militar e eclesiástica que se fixa no centro urbano e nas suas imediações, constituiu uma das forças propulsora do desenvolvimento económico de Viana da Foz do Lima. Uma extensa rede de unidades conventuais, igrejas, capelas e ermidas está praticamente definida em finais do séc. XVI e inícios do Séc. XVII com a fundação dos mosteiros beneditinos Santa Ana, em 1510; São Bento, em 1545 e o mosteiro de Santa Cruz da ordem dominicana, em 1566. Em 1561 é construída a capela de São Roque, na estrada de Monserrate. A Santa Casa da Misericórdia activa, em Viana, desde o primeiro quartel do século XV, inicia por volta de 1582 as obras do hospital.

1612 é a data de construção do mosteiro de Santo António dos Capuchos. Entretanto, em 1621, uma nova paróquia, a segunda, é criada com a designação de Nossa Senhora de Monserrate. Os Carmelitas Descalços fundam o seu mosteiro em 1625. Cinco anos mais tarde, em 1630, os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho iniciam a construção do convento de São Teotónio. O convento das Recolhidas ou o Recolhimento de Santiago, administrado pela Misericórdia é reedificado em 1663. Por todo o lado reconstrói-se e reedifica-se capelas: a de Santa Catarina, na Ribeira, datada do primeiro quartel do século XVII, a dos Reis Magos, na Bandeira, do mesmo período e a do Bom Jesus do Santo Sepulcro do Calvário, erigida em 1674, em Monserrate, que integrava a via-sacra, onde mais tarde se construiria a capela de Nossa Senhora da Agonia.

O crescimento da vila para poente, no sentido do Atlântico, intensifica-se. À construção da roqueta manuelina em 1502 para protecção de toda a foz e à fundação do mosteiro Cruzio por D. Frei Bartolomeu dos Mártires em 1566 adiciona-se a edificação da paróquia de Nossa Senhora de Monserrate em 1621.

A centralidade Atlântica, consolidar-se-á com o forte de Santiago da Barra cujo início construtivo se situa em 1588, com intervenções sucessivas até culminar na criação, em 1701, por D. Pedro II da Aula de Engenharia chefiada por Manuel Pinto Vila Lobos com o objectivo de formar engenheiros. O sistema defensivo de Viana, assente numa rede de fortes é o testemunho visível do trabalho desta Aula de Engenharia que deixará marcas visíveis na arquitectura civil, pública e privada e também na arquitectura religiosa.

O contacto para a margem sul, que obrigava ao atravessamento do Lima, por barcas ou por pontes de barcas, posiciona o largo de Pombal, nas proximidades do convento feminino de São Bento como um ponto importante da vida da urbe. Uma Ponte de madeira será construída em 1716 e reedificada em 1751.

A conectividade externa de Viana acentuar-se-á com a vinda do caminho-de-ferro e a construção da ponte metálica em 1877 por Gustavo Eiffel e Théophile Seyrig. No espaço onde outrora estivera situado o convento de São Teotónio, dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, fundado em 1631, é construída a estação de Caminho de Ferro, em 1878, projecto da autoria do Eng. Alfredo Soares.

O espaço urbano de Viana expande-se em finais do século XVIII e inícios do século XIX, concretizando-se em 1917 a abertura da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra que cria um eixo de circulação amplo do interior para a frente fluvial e vice-versa, interceptando com o Jardim público, arborizado até à ponte metálica em inícios do séc. XX.



Av. dos Combatentes da Grande Guerra

Este espaço habitado por uma comunidade que mantém um profundo sentimento de identidade e respeito pela herança e legados patrimoniais, impôs-se pelas suas características, (mau grado erros urbanísticos fatais de que é exemplo incontornável o denominado prédio Coutinho), à voragem destruidora da muitas vezes deficitária gestão pública. A integridade do edificado e a humanização do denominado centro histórico possibilitou, recepcionar, incorporar e pôr em prática, de forma colectiva e

participada, entendimentos conceptuais e metodológicos das questões patrimoniais cimentados ao longo dos anos 30 e 90 do século XX:

- **Conceito de bem cultural** – valorização das manifestações e testemunhos mais representativos da actividade humana
- **Evolução dos princípios de conservação e restauro**
- **Alargamento do entendimento das escalas de protecção patrimonial** – de Monumento / Centro Histórico / Território
- **Novas metodologias de intervenção no plano funcional** e desenvolvimento de actividades para a preservação da estrutura social e económica tradicional, impedindo o êxodo das comunidades locais
- Capacidade de resposta aos novos desafios das cidades: identidade cultural, planeamento, combate à *guetização*, capacidade de carga sobre o património por acção do turismo (Carta de Gubbio de 1990)<sup>179</sup>

Na actualidade, o desafio que se coloca aos centros históricos assenta na centralidade urbana e histórica como elemento chave da competitividade da economia urbana – infra-estruturas, comunicações, recursos humanos e administrativos e na projecção internacional dos núcleos urbanos por via da actividade turística.

- Melhor reorganização do património urbano existente
- Menor planificação de novas áreas de expansão
- Percepção do “histórico” e das medidas de protecção passa a abranger as áreas mais antigas da cidade e os conjuntos urbanos de construção mais recente
- Aparecimento de novas centralidades que conectam o local com o global
- Mudança conceptual: de centro histórico para paisagem histórica urbana (Carta Internacional de Viena sobre Património Mundial e Arquitectura Contemporânea, 2005). Conjuga a conservação do património com desenvolvimento urbano.<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> AZCONA, Emilio Luque; SMITH, Harry - NOVEDADES Y RETOS EN LA GESTIÓN DE CENTROS HISTÓRICOS DE EUROPA, LATINOAMÉRICA Y EL CARIBE (1980-2005) , in *Scripta Nova*. Universidad de Barcelona. Vol. XI, núm. 254, 15 de diciembre de 2007

<sup>180</sup> Idem, ibidem

## **Dinâmicas urbanas Sec. XXI**

O Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo, apresentado em 2002 tinha por objectivos:

A manutenção dos elementos mais modestos, que isolada ou agrupadamente constituem marcas importantes da intervenção do homem ao longo dos tempos;

Elementos que traduzem, de uma forma ou de outra, o modo de ser e de estar do homem, contribuindo para a moldagem da paisagem e criando uma estrutura urbanística própria.<sup>181</sup>

Dos instrumentos de acção colocados ao serviço destes princípios, para o caso específico de Viana do Castelo gostaríamos de salientar dois:

**1 - Programa Polis** - Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades de que resultou a concretização dos seguintes projectos:

Parque da Cidade de Viana do Castelo

Anel Viário da Cidade

Ponte Móvel Pedonal

Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental (CMIA)

Campo da Agonia e parque de estacionamento subterrâneo

Requalificação da Rua João Alves Cerqueira / Largo de Santa Catarina – antiga doca comercial

### **Praça da Liberdade**

Edifícios Administrativos

Tribunal de trabalho, o Registo Civil, o Registo Predial, a repartição de Finanças e o Centro de Emprego. No rés-do-chão, estão já instalados diversos cafés e restaurantes.

---

<sup>181</sup> Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Declaração n.o 248/2002 (2.a série)

A Biblioteca Municipal

O Coliseu de Viana - Pavilhão multiusos com capacidade para 4000 pessoas

## **2 - Programa Recria – Reabilitação de habitação no Centro Histórico**

- 220 casas reabilitadas das 320 casas degradadas cadastradas em 2001
- Viana do Castelo é a quinta capital de distrito (de entre as 18 do Continente) com menos fogos devolutos. (INE)
- Quatro projectos de reabilitação premiados pela qualidade das intervenções

Podemos concluir que este espaço urbano constrói-se, modifica-se, transforma-se, apresenta-se aos seus utilizadores/fruidores como um tecido vivo que absorve os sinais do tempo, refundindo-se e moldando-se, incorporando formas e funções diversas, mas mantendo as marcas ancestrais do homem e da sua cultura pretérita que se mescla com as demandas e as exigências do tempo presente, no qual, o espaço total deve ser entendido em contexto tridimensional, coexistindo com as estruturas físicas, as atmosferas e os valores simbólicos, que lhe confere uma identidade distinta.